



## APRESENTAÇÃO DA CAPA

Meu nome é Elisa Teruko Shibuya, tenho 24 anos, sou amarela e curso atualmente o Bacharel em Artes Visuais na UFJF com foco em estudo e atividade nas áreas de ilustração e quadrinhos. Venho de uma família birracial - branca e amarela - e isso afetou e afeta muito como eu desenvolvo minha poética e minha relação com a temática proposta em religiões asiáticas. A ilustração que eu realizei é quase uma provocação e uma realização atual das minhas conjecturas sobre a morte. Depois da primeira infância eu tive pouco contato com religiões - tanto o budismo/xintoísmo como com o cristianismo -, mas um pensamento que me leva de volta a isso é a reflexão sobre a própria vida e mortalidade.

Dentre minhas referências sobre luto e morte cito a Caitlin Doughty, escritora e agente funerária, que realiza um trabalho no sentido de uma desmistificação da morte na visão ocidental que temos como tragédia o que de certa forma também se relaciona com meu contato com o budismo.

O butsudán de muitas formas é um vínculo com a morte e com o morto que difere muito com o que vemos em cemitérios. O que começa pela distinção de local, a morte não é reclusa para fora da casa num lugar estabelecido, mas no ambiente familiar e o cuidado e contato continua sendo cultivado entre a família e o ente falecido. Na ilustração que realizei para a revista que é uma Autoficção, o butsudán que está lá na verdade não existe realmente, é uma idealização do butsudán do meu pai, um sólido ateu - que faleceu quando eu era adolescente -, representando um contato com as memórias de referências de coisas que ele gostava e que eu conhecia sobre ele.

A morte enquanto barreira intransponível da vida se torna tão ligada a ela que é completamente inseparável. Na aceitação da cotidianidade da morte existe até mesmo um conforto, onde em oposição da romantização da mesma que supostamente levaria ao paraíso está outro passo da vida. Em um romance que li a pouco, *A paixão de GH*, Clarice até mesmo elabora ao dizer “a vida é tão contínua que nós a dividimos em etapas, e uma delas chamamos de morte”, que vai muito de encontro com cerimônias e tradições em volta desse rito. Uma tentativa de delimitar e categorizar a vida.

Como asiático-brasileira eu sempre me senti descolada da experiência tradicional religiosa brasileira sobre a morte, mas sempre me pareceu incrivelmente intrigante a certeza e solidez dessas ideias. Em meu próprio trabalho gosto de explorar essas relações do imaginário de conceitos de nascimento e mortalidade, um processo embrionário de contenção e proteção como o ovo. Já na ilustração Butsudán eu penso muito na quebra com a despedida vinda do



falecimento, em como as relações perduram sem a possibilidade de contatos futuros e novas memórias se voltando para o que foi construído até então, o que não muda ou se distancia por causa do fim da vida de uma das partes. Nessa mesma construção também está presente suas limitações e falhas, frustrações e impossibilidades que também continuam.

Antes da criação da arte existem uma série de elementos, onde o processo histórico nos evidencia várias vezes que nada surge de um vazio e apesar de negar uma cronologia perfeita ou uma capacidade de resgate de todas essas peças que constituem o fazer artístico essa investigação e resgate continua a ser de extrema importância a todos aqueles que se nomeiam artistas e pesquisadores da arte. Tendo que recorrer a uma visão alegórica tal como estabelecida por Benjamin. “A visão alegórica está sempre se baseando na desvalorização do mundo aparente. A desvalorização específica do mundo dos objetos que representa a mercadoria, é o fundamento da intenção alegórica...”. Dentro disso tento nesse escrito traçar características pessoais e referenciais que me levaram a essa ideia, mas é decerto difícil fazer uma auto investigação, e citando Lukács - a arte consiste sempre em reter o significativo e o essencial e eliminar o acessório e o inessencial, porém sempre em caráter de tentativa por parte do artista.